

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO: A FORMAÇÃO DO FUTURO PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Jasmine Leite de Matos
UNEB
jasminematos@hotmail.com

Regilan Francisca de Souza
UNEB
regilan.souza@gmail.com

Ilvanete dos Santos de Souza
UNEB
ilvanetess@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo discutir e descrever sobre as principais observações que foram realizadas em um Colégio Estadual do município de Barreiras – BA. Ele foi realizado entre os meses de abril a maio de 2015, com uma carga horária total de 20 horas/aula, distribuídas entre as turmas do 8º ano e 9º ano do Ensino Fundamental II, no turno matutino. O estágio de observação foi certamente uma experiência singular e enriquecedora, onde tivemos a oportunidade de filtrar os pontos positivos e negativos das observações e projetar aquilo que possivelmente iremos vivenciar no futuro.

Palavras-chave: Estágio; Observação; Vivências em sala de aula.

1. Introdução

A escola é uma instituição mediadora do conhecimento, em que o ensino de matemática precisa ser trabalhado levando em consideração as experiências que os estudantes adquiriram no decorrer da vida. Ela deve proporcionar um ambiente que possa mediar o desenvolvimento crítico dos estudantes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática (PCN, 2000, p.37) reforçam que as necessidades cotidianas permitem aos alunos desenvolverem uma inteligência essencialmente prática, que permite reconhecer problemas, buscar e selecionar informações, tomar decisões e, portanto, desenvolver uma ampla capacidade para lidar com a atividade matemática. Quando essa capacidade é potencializada pela escola, a aprendizagem apresenta melhor resultado.

O estágio de observação teve início no dia 8 de abril e terminou no dia 20 de maio de 2015, em um Colégio Estadual na zona urbana da cidade de Barreiras – BA. A carga horária de aulas semanais foi de 4 horas/aula, distribuídas entre as turmas do 8º ano e 9º ano do

Ensino Fundamental II, no turno matutino. A professora regente que leciona nessas turmas está no processo de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia e ensina a disciplina de Matemática há dois anos e três meses.

Acreditamos que o estágio de observação é uma etapa importante na formação de nós futuros professores de matemática, pois através dessa experiência podemos vê o funcionamento da escola, das aulas, o comportamento dos estudantes frente ao ensino de Matemática, quais os seus limites e possibilidades, e refletir sobre possíveis soluções que possam acrescentar para um melhor desenvolvimento das atividades dentro da sala de aula.

Nesse sentido Carvalho (2012, p.11) aborda que os estágios de observação devem apresentar aos futuros professores condições para detectar e superar uma visão simplista dos problemas de ensino e aprendizagem, proporcionando dados significativos do cotidiano escolar que possibilitem uma reflexão crítica do trabalho a ser desenvolvido como professor e dos processos de ensino e aprendizagem em relação a seu conteúdo específico. Assim, esperamos que esta abordagem contribua para a reflexão da prática docente podendo incentivar aqueles que almejam seguir a carreira de futuros professores de Matemática.

2. Objetivo

O presente trabalho teve como objetivo discutir e descrever sobre as principais observações que foram realizadas em um Colégio Estadual do município de Barreiras - BA, incluindo o desenvolvimento de toda a atividade escolar pelos gestores e professores, bem como dos alunos que são os componentes primordiais desse processo.

3. Metodologia

O Estágio de observação foi realizado entre os meses de abril a maio de 2015, em um Colégio Estadual na zona urbana da cidade de Barreiras – BA. Tendo uma carga horária total de 20 horas/aula, divididas em 4 horas/aula. Elas foram distribuídas entre as turmas do 8º ano e 9º ano (7ª série e 8ª série) do Ensino Fundamental II, no turno matutino. Esta pesquisa é qualitativa do tipo estudo de campo e os instrumentos utilizados para coleta de dados foram à observação sistematizada e o questionário semiestruturado.

4. Referencial teórico e resultado

4.1 A relevância do Estágio I: algumas reflexões teóricas

Entendemos que para que ocorra um trabalho realmente significativo o estagiário precisa fazer a ligação entre o objeto que está sendo estudado e aquilo que se pretende realizar por meio dele. Para isso, é necessário, inicialmente, ter bem definido como a atividade será organizada e desenvolvida na escola que iremos atuar. Passada esta etapa, precisamos conhecer bem o espaço escolhido e de que forma ele poderá contribuir para o amadurecimento intelectual de nós futuros professores de matemática e também dos alunos, que serão durante a constituição da trajetória profissional, atores de nossa prática e participantes de nossos estudos enquanto professores pesquisadores. Segundo Souza (2011) é no estágio que:

Tem – se a chance de verificar como se constrói um espaço de produção de conhecimento sobre a prática pedagógica desenvolvida no cotidiano da escola pública. Através de um processo criador e inovador, de análise e de reflexão, aproxima-se da realidade da escola, a fim de que se possam compreender melhor os desafios que se devem enfrentar no momento da prática do estágio e até mesmo, do trabalho, de forma crítica e consciente (SOUZA, 2011, p. 02).

Dessa forma, a primeira experiência tida com a disciplina de Estágio I nos possibilitou visualizar algumas vivências próprias do chão da escola que nos nortearão na estruturação do planejamento no estágio de regência e elas servirão de apoio para que possamos colocar em andamento aquilo que refletimos (SOUZA, 2011). Segundo Souza (2011, p. 99), “o estágio de observação é um momento de diagnóstico local, verificando como ocorre à prática e a rotina escolar”. Ou seja, a escola é um espaço essencial para a (re) significação das concepções que trazemos quanto aos fazeres da profissão professor.

Ela ainda pontua que “é através do estágio que podemos conhecer os alunos, suas dificuldades, peculiaridades, anseios, e de conhecer como a escola se organiza para receber estes alunos (Souza, 2011, p. 100)”. Com isso, o estágio I teve como perspectiva central a observação de toda a atividade escolar e dos sujeitos que a compõem, além de termos a oportunidade de conhecer o trabalho desenvolvido pelos gestores e professores da escola.

Trabalho que nós verificamos logo no primeiro contato, pois observamos que a escola tem uma estrutura administrativa bem organizada, salas de aula que superam as dificuldades do pouco espaço oferecido, um Projeto Político Pedagógico (PPP) que está sempre em

processo de retroalimentação, programas e projetos em funcionamento, enfim, preocupações que fazem parte verdadeiramente do cotidiano do diretor da escola.

Também foi perceptível que estes fatores têm sido influência na motivação não somente dos pais para matricularem seus filhos na instituição, mas também dos alunos para a permanência no ambiente em que ele foi inserido. De acordo com Carvalho:

A sala de aula em que um professor vai trabalhar não está isolada no mundo, ela se encontra dentro de uma escola que tem seus valores bem estabelecidos. O professor sabe que o seu trabalho está estreitamente relacionado com o desenvolvido pelo coordenador geral, pelo coordenador de área e pela direção, embora, após fechar a porta da classe, a responsabilidade do ensino e da aprendizagem dos alunos seja sua (CARVALHO, 2012, p.3).

Logo, notamos outro ponto primordial no ensino que é a existência da relação de reciprocidade entre a gestão, o professor e, conseqüentemente com os alunos. Lück (2008 *apud* LONGO; PEREIRA, 2011, p. 184- 185) discorre que:

O conceito de gestão parte do pressuposto de que o êxito de uma organização social depende da mobilização da ação construtiva conjunta de seus componentes, pelo trabalho associado, mediante reciprocidade, a qual cria um todo orientado a partir de uma vontade coletiva. Sendo esta a condição fundamental para que a educação se processe de forma efetiva no interior da escola, tendo em vista a complexidade e a importância de seus objetivos e processos.

Portanto, se para o estabelecimento desses valores é preciso o cumprimento do papel que cabe a cada sujeito envolvido no espaço escolar fazer e, posteriormente, compartilhar tais experiências com a gestão, então percebemos o quanto a escola escolhida tem se esforçado para alcançar este ideal que deveria ser um propulsor para melhorar a educação em nosso país e, principalmente, para atender da melhor forma possível às necessidades do cidadão. Essa postura demanda tempo e envolvimento dos participantes no processo.

O estudo da gestão escolar, mesmo que seja somente de uma escola – daquela em que o estagiário fará os estágios junto aos professores de seu conteúdo específico -, trará a esse licenciando melhores condições de entendimento de seu futuro local de trabalho e das relações entre a gestão e os valores transmitidos de modo implícito aos professores e aos alunos desse estabelecimento (CARVALHO, 2012, p. 4-5).

Embora, essa disciplina não nos permita atuar diretamente com o aluno, através dela tivemos a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a nossa futura prática como professores de matemática, e também nos levou a analisar como a discrepância presente entre uma turma e outra e os fatores externos podem ou não prejudicar no ensino.

4.2 Os momentos de observação: reflexões sobre um dos campos de atuação do Licenciando em Matemática

Visto que não sabíamos se nos seria permitido realizar a atividade de Estágio I na escola escolhida, optamos por visitar antes o espaço que iríamos estagiar. O ofício que levamos para pedir autorização foi aceito, e no mesmo dia tivemos a confirmação de uma das professoras de Matemática da instituição, que poderíamos estagiar nas turmas as quais ela lecionava. Com isso, iniciamos o Estágio de Observação I em um Colégio Estadual do município de Barreiras – BA.

Ao adentrarmos no ambiente da escola, observamos de início o quanto o espaço físico era pequeno, mas bem organizado. Além disso, quando tivemos acesso novamente à sala do diretor, nos permitimos observar mais detalhadamente o quanto ela era estrategicamente bem localizada. E isto por que, devido ao espaço das salas de aula ser pequeno era necessário que os professores mantivessem as portas abertas para que corresse ventilação, o que era propício para o diretor, que no momento que desejasse poderia analisar o trabalho dos professores nas aulas mais de perto.

Com isso, no dia 08/05/2015 às 8h e 20min conhecemos a 7ª série do Ensino Fundamental II. Neste dia a professora não realizou a frequência, mas já iniciou a aula aplicando uma atividade diagnóstica sobre “Monômios e Polinômios” para avaliar o nível de aprendizagem dos alunos naquele assunto. O que nos chamou muito a atenção, pois a estratégia empregada pela professora revela o grau de reflexão que a própria faz de si mesmo e a sua preocupação com a aprendizagem dos alunos. Melo e Jesus (p.3) assinala que:

É importante estabelecer um diagnóstico correto para cada aluno e identificar as possíveis causas de seus fracassos ou dificuldades visando uma maior qualificação e não somente uma quantificação (classificatória, discriminatória e imprecisa) da aprendizagem.

Dessa maneira, não podemos em hipótese alguma avaliar o aluno somente pelo desempenho demonstrado por ele em uma determinada atividade, mas a nossa avaliação deve ser gradativa, para que assim possamos ter uma visão melhor dos acertos e dos erros de cada um na disciplina. Esta mesma proposta foi empregada na 8ª série do Ensino Fundamental II, no entanto, o assunto lá abordado envolvia os conceitos de Potenciação.

Em nenhum momento estas atividades tiveram a função de “dar nota” como é questionado por muitos alunos. E, na verdade, a avaliação não deve ser vista sob essa

perspectiva tradicional, em que somente se avalia o aluno pela capacidade que ele possui em conseguir conquistar uma “boa nota” na prova. Mas a avaliação deve está ligada com a assimilação do conteúdo que, em seguida, poderá ser compartilhado pelo aluno com os seus colegas e até mesmo com o próprio professor.

Sabemos que, muitas das vezes, o dia da prova traz mais tensão no aluno do que aprendizado. Além disso, existem os fatores externos que geralmente bloqueiam o pensar do aluno, não permitindo que ele consiga se expressar completamente. Não estamos querendo desmerecer o valor da prova, porque em alguns casos ela é de extrema importância, contudo, não posso fazer dela a única forma de analisar a aprendizagem do meu aluno. Pavanello e Nogueira (2006, p. 37) pontuam que:

Para que a avaliação da matemática informativa extrapole o lugar comum da classificação por notas, e surja como estratégia para a orientação da prática pedagógica, ela deve levar em conta os principais elementos envolvidos no processo de ensinar/aprender – o aluno, o professor e o saber –, possibilitando que tanto o professor como o aluno tenham um indicativo de como este está se relacionando com o saber matemático.

Assim, o saber matemático ocorre como consequência de um processo que surge mediante a relação entre como se ensina, como se aprende e em qual atitude se toma frente a este conhecimento, ou seja:

A avaliação seria um processo contínuo e natural aos seres humanos, de que os homens se avaliam, constantemente, nas mais diversas situações, diante da necessidade de tomar decisões, desde as mais simples até as mais complexas (PAVANELLO; NOGUEIRA, 2006, p. 36).

As observações feitas no dia 22/04/2015 ocorreram de forma tranquila nas duas turmas. A professora iniciou a aula fazendo a chamada, o que é de extrema importância haja vista que a mesma serve como comprovação da presença do aluno em sala de aula, protegendo, assim, o professor de qualquer infortúnio que possa acontecer com o aluno caso ele esteja agindo de forma equivocada. Já em relação à exposição do conteúdo, a professora julgou ser necessário abordar novamente na turma da 7^a série o assunto de Monômios e Polinômios. Segundo ela esta decisão se deu pelo baixo rendimento detectado na atividade diagnóstica aplicada na aula anterior.

Este momento foi essencial e produtivo, pois por meio dele os alunos tiveram a oportunidade de retirar as dúvidas ainda existentes e de organizar o conhecimento que eles estavam construindo em suas mentes. Na turma da 8^a série a reação dos alunos foi diferente

em comparação com os alunos da 7ª série. Sabemos que o ensino de alguns conteúdos na matemática exige de nós um pouco mais de atenção e, sobretudo, de estratégias que facilitem o entendimento do aluno.

Dessa maneira, podemos perceber que a compreensão da definição de radiciação por parte dos alunos não atendeu as expectativas esperadas. Frases como: “É muito difícil professora”; “Não estou entendendo nada” tomaram espaço do cenário, a distração acabou causando desordem generalizada na sala e a finalidade cerne, que era a aprendizagem, não aconteceu. Transportando isto para o ensino da matemática, podemos perceber que realmente a falta de compreensão frente ao assunto exposto gera no aluno resistência a prestar atenção naquilo que o professor está explicando. Assim, o professor consciente de sua prática se atenta para essas questões e ao refletir sobre elas procura superar-se a cada dia.

No dia 06/05/15, visitamos mais uma vez a escola e observamos as turmas da 7ª série e da 8ª série do Ensino Fundamental II. Durante este período, refletimos o quanto um ambiente apropriado possibilita aos alunos e ao professor condições mais favoráveis para um melhor rendimento nos estudos e para a sua motivação ao assistir as aulas. Segundo Bzuneck (2001 *apud* CARVALHO; PEREIRA; FERREIRA, p.13): “Alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco”.

Situação essa que consideramos verdadeira ao passo que a maior parte dos alunos não se dá ao trabalho de exercitar os assuntos propostos em sala de aula. Além disso, podemos refletir também sobre a postura e a prática do professor frente às necessidades dos alunos e até mesmo em relação aquilo que ele pensa sobre si mesmo e sobre o trabalho que realiza. Tapia e Fita (2003 *apud* CARVALHO; PEREIRA; FERREIRA, p. 88) pontuam que:

“Se o professor não está motivado, se não exerce de forma satisfatória sua profissão, é muito difícil que seja capaz de comunicar a seus alunos entusiasmo, interesse pelas tarefas escolares; é definitivamente muito difícil que seja capaz de motivá- los.”

Logo, é preciso que tanto o professor como o aluno estejam com os seus pensamentos alinhados e definidos para que a partir disso ocorra uma relação de reciprocidade e aprendizagem mútua e principalmente, de motivação. É claro, que existem outros fatores que influenciam na postura do professor frente à sala de aula como: o pouco investimento na capacitação de professores, salários baixos que não condizem com sua profissão, à falta de materiais necessários para uma melhor abordagem dos conteúdos, enfim, são grandes influenciadores na motivação do professor.

Dando seguimento, na turma da 7ª série a chamada foi realizada. Embora o calor intenso tenha provocado à dispersão temporária dos alunos, ele não prejudicou na dinâmica da aula, que seguiu conforme planejado. Durante a explicação do primeiro caso de Produtos Notáveis, nos chamou a atenção a forma como a professora estava ensinando os alunos a resolverem o produto notável $(a + b)^2$. Ao invés de mostrar a eles o procedimento completo (passo a passo) para se chegar ao resultado, ela partiu diretamente para a forma do trinômio perfeito $a^2 + 2ab + b^2$ resultante da seguinte solução:

$$(a + b)^2 = (a + b).(a + b) = a^2 + ab + ab + b^2 = a^2 + 2ab + b^2$$

A reação negativa dos alunos frente à metodologia utilizada foi esperada ao passo que:

É bastante comum o aluno desistir de solucionar um problema matemático, afirmando não ter aprendido como resolver aquele tipo de questão ainda, quando ele não consegue reconhecer qual o algoritmo ou processo de solução apropriado para aquele problema. (D'AMBRÓSIO, 1989, p. 2).

Mais uma vez, expressões que revelam falta de compreensão do algoritmo surgiram. Um dos alunos, por exemplo, em um dado momento disse: “Oxe”! “que é isso professora?” “Tô entendendo nada”. Carvalho (2012, p. 12) aponta que “se o aluno não entende, compete ao professor repetir com outras palavras, utilizar outros exemplos, buscar novas analogias”. Infelizmente, não foi esta a postura tomada e a explicação era sempre a mesma. Entendemos que o ato de ensinar exige de nós um conhecimento mais profundo sobre a definição do algoritmo e das formas que podemos abordá - la.

Por mais que venhamos dinamizar a maneira como ensinamos a matemática, sabemos que a rigor ela demanda a utilização do método e do pensamento. É claro que a rigorosidade metódica como afirma Freire (2013, p. 28):

Não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível.

Na 8ª série buscando atender ao projeto mensal - Trabalhando a Matemática com a Cultura Indígena - organizado pelo Colégio, a professora trouxe para que os alunos assistissem um documentário sobre os “Índios no Brasil. Quem são eles?”. No entanto, um pequeno contratempo aconteceu na tentativa de abrir o arquivo no aparelho de DVD, pois ele não estava no formato necessário para a sua execução. Com isso, esperava-se um plano B, caso aquela atividade não lograsse êxito. Contudo, percebemos que a professora não estava

com o plano de aula em mãos e quando ela percebeu que aquela atividade não havia dado certo, se desestabilizou e pediu orientação ao diretor.

Menegolla e Sant’ana (1992 *apud* MELO, p. 3) defendem que o planejamento “ajuda o professor a agir com maior segurança na sala de aula e evita a improvisação, a repetição e a rotina no ensino”. Ao voltar da direção do colégio, a professora trouxe a dinâmica “Passa ou repassa” utilizada pela mesma nas oficinas do programa Mais Educação. Esta atividade funcionou da seguinte maneira: a professora passou pela sala uma caixa contendo perguntas diversas concernentes aos assuntos de radiciação, potência e quatro operações básicas.

De acordo a música parava, a pessoa a qual a caixa estava em mãos deveria pegar uma ficha e responder a pergunta contida nela. Esta dinâmica possibilitou verificar o grau de aprendizado dos alunos, haja vista que estes assuntos estavam sendo trabalhados nas aulas que observamos, exceto, as operações fundamentais. No final, a brincadeira acabou sendo produtiva, no entanto, é necessário que o professor esteja atento ao seu plano para que imprevistos deste estilo não venham a ocorrer. Por fim, solicitamos o regimento escolar interno, mas nos informaram que para ter acesso a ele era necessário consultar o site da Secretaria de Educação da Bahia, pois ele é unificado e utilizado por todas as escolas estaduais da Bahia.

No quarto dia de observação, a professora fez a chamada na 7^a série e chamou a atenção dos alunos para que evitassem o uso de celulares durante as aulas. Em seguida, foram apresentados na turma alguns seminários sobre a matemática na cultura indígena e no momento da apresentação, a sala ficou inquieta, alguns colegas que estavam assistindo a apresentação, bagunçavam atrapalhando propositalmente, mesmo a professora pedindo silêncio.

O uso da interdisciplinaridade na Escola é interessante, pois com isso os estudantes podem perceber que a matemática é útil e que ela esta inserida em boa parte das outras ciências e culturas, neste caso, a matemática foi utilizada pelos povos indígenas, mesmo que de forma indireta na confecção de alguns objetos, como por exemplo, os potes de cerâmica. Já quanto à interdisciplinaridade Sasseron (2010 *apud* CARVALHO, 2012, p.30) reforça que: “a interdisciplinaridade aparece descrita como a possibilidade de relacionar diferentes disciplinas em projetos e planejamentos de ensino da escola”.

Isto permite a escola, caso ela venha a se apropriar dessa possibilidade de planejamento, a enriquecer suas aulas e a permitir ao aluno a busca mais significativa pelo aprendizado e a perda da visão fragmentada da matemática. A escola que realizamos o estágio teve um diferencial, pois percebemos que houve uma preocupação por parte de todo o corpo docente em utilizar a ferramenta da interdisciplinaridade para trabalhar os conteúdos em todas as disciplinas.

Diante disso, foram apresentados na turma alguns seminários sobre a matemática na cultura indígena. A reação da turma no momento não foi satisfatória, a sala ficou inquieta no momento das apresentações e alguns alunos com desrespeito não prestaram atenção no trabalho realizado pelos colegas. O grupo que apresentava utilizou como recurso de apresentação uma cartolina discorrendo os principais tópicos acerca do tema escolhido. Contudo, por conta do nervosismo e da falta de costume em apresentar trabalhos daquele tipo os participantes se sentiram intimidados a ponto de perderem a postura, como consequência eles estavam desconcentrados, falavam baixo, ficavam de costas para a turma e mesmo à professora mediando de forma encorajadora o grupo havia certa resistência na oratória deles.

A professora explicou que os alunos não possuíam o costume de fazer apresentação de trabalho e percebendo essa deficiência ela começou a trabalhar esse tipo de atividade. Já próximo ao final da aula, ela explicou aos alunos como deveria ser organizado um seminário, e caso utilizassem cartazes deveriam dispor as informações separadamente na forma de tópicos. Na turma da 8ª série a sala também foi organizada em semicírculo e a verificação de presença foi feita. Inicialmente, os alunos estavam inquietos devido ao clima quente da sala e por eles terem acabado de chegar do intervalo.

Depois de decorrido dez minutos, em que o alvoroço dos alunos tinha diminuído, a professora aplicou a longa metragem Vermelho Brasil¹. Na quinta observação, a professora começou realizando a chamada na turma da 7ª série. Depois ela colocou uma atividade escrita sobre o conteúdo de Produtos Notáveis no quadro para que eles resolvessem. A maioria tentou resolver, e após algum tempo eles procuravam a professora em busca de orientação, para ver se estava correto o modo como eles estavam fazendo.

Nessa perspectiva Carvalho (2012, p.26) destaca a importância da exposição das dúvidas e das ideias por parte do aluno em relação ao conteúdo estudado. E segundo ela este

¹ Vermelho Brasil é uma longa metragem do produtor Nicolas Traube, Christian Duguay, que conta a história de uma expedição ao Brasil, por volta de 1550. Disponível em <http://globofilmes.globo.com/filme/vermelhobrasil/>
Acesso em: 16/10/2015.

esclarecimento deve ser feito juntamente sob a orientação da professora. No entanto, poucos alunos sinalizaram ter dúvidas e poucos interagiram com os próprios colegas. Carvalho (2012, p.25) pontua que:

“No tempo dado para os alunos pensarem, eles quase sempre o utilizam para discutir com seus colegas, o que é bastante natural e importante, uma vez que nessa troca de ideias com os colegas eles podem testar sem constrangimento seu raciocínio”.

Na 8ª série a aula iniciou com a realização da chamada. Em seguida, a professora continuou a explicação do conteúdo de Equações do 2º grau, percebemos que os estudantes estavam prestando atenção na aula e abordavam a professora quanto eles não compreendiam o conteúdo, e ela o explicava novamente. No geral, a aula foi produtiva e tivemos a oportunidade de perceber o interesse da maioria dos estudantes em aprender este novo conteúdo.

5. Algumas considerações

Acreditamos que um bom profissional de matemática possui a habilidade de tornar significativo o seu trabalho e, principalmente de (re) significar – lo. É no decorrer de sua caminhada que ele vai obtendo um novo jeito de pensar e olhar a prática docente. É através das vivências em sala de aula que ele vai descobrindo e se redescobrindo. É neste espaço que ele enxerga onde precisa mudar e criar estratégias que ele usará para chegar até o seu objetivo.

Talvez se fôssemos nós o professor observado, estaríamos sujeitos às mesmas limitações, não porque nos falta o conhecimento necessário para alcançar o progresso que desejamos, mas porque o ambiente da sala de aula ainda é desafiador. Podemos dizer que o momento das aulas, seria um tipo de segunda escola para nós, um laboratório de experiências.

O estágio de observação foi certamente uma experiência singular e enriquecedora, pois embora não façamos parte do corpo de atores principais da escola, tivemos a oportunidade de filtrar os pontos positivos e negativos das observações e projetar aquilo que possivelmente iremos nos tornar no futuro.

6. Referências

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: matemática, 5ª a 8ª série. Brasília: A secretaria, 1998.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Os estágios nos cursos de licenciatura** / Anna Maria Pessoa de Carvalho. – São Paulo: Cengage Learning, 2012. – (Coleção ideias em ação)

CARVALHO, Maria Fabiana Nascimento de; PEREIRA, Valéria Cavalcanti; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. **A (Des) motivação da Aprendizagem de Alunos de Escola Pública do Ensino Fundamental I: quais os fatores envolvidos**. Disponível em: <file:///C:/Users/USUARIO/Documents/5%C2%BA%20semestre/estatistica/terceira%20nota/a%20desmotivao%20da%20aprendizagem%20de%20alunos%20de%20escola.pdf>. Acesso em 19 de out. 2015.

D'AMBROSIO, Beatriz S. **Como ensinar matemática hoje? Temas e Debates**. SBEM. Ano II. Nº 2. Brasília. 1989. P. 15-19.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire – 46ª Ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LONGO, Maristela; PEREIRA, Zelandia Cecconi. C. **O papel do orientador educacional na promoção do relacionamento interpessoal entre alunos e professores contribuindo no processo ensino aprendizagem**. Perspectiva, Erechim. v. 35, n.132, p. 183-196, dezembro/2011. Disponível em: <<http://proferlao.pbworks.com/w/file/attach/63671909/O%20PAPEL%20DO%20ORIENTADOR%20EDUCACIONAL%20NA%20PROMO%20C3%87%C3%83O%20DO%20RELACIONAMENTO%20ENTRE%20ALUNOS%20E%20PROFESSORES.pdf>> Acesso em: 28 de set.2015.

MELO, Gilberto Francisco Alves de. **PLANEJAR OU NÃO PLANEJAR O ENSINO DE MATEMÁTICA**. Disponível em: <www.sbem.com.br/files/viii/pdf/07/MC21621926249.pdf>. Acesso em: 20 de out. 2015.

MELO, Jádila Carvalho; JESUS, Leandro Martins de. **Reflexão acerca da avaliação formativa**. Publicado em: 27 de out. 2006. Disponível em:<<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/274942.pdf?1161964408>>. Acesso em: 24 de out. 2015.

PAVANELLO, Regina Maria; NOGUEIRA, Clélia Maria Ignatius. **Avaliação em Matemática: algumas considerações**. Estudos em Avaliação Educacional, v. 17, n. 33, jan./abr. 2006.

SOUZA, Ilvanete dos Santos. **O Estágio de Observação na Formação Docente: experiências da iniciação à docência**. Revista Praes: saberes e produção discente / Universidade do Estado da Bahia – v. 1, n. 1, (jan./dez. 2011) – Salvador: EDUNEB, 2011.

(Colocar referência)